

SAUDAÇÃO DE ENCERRAMENTO DA II SEMANA FILOSÓFICA

Marcelo Perine
Fac. Filosofia CES—SJ (BH)

“O mundo se repete mal é porque há um imperceptível avanço”, diz o narrador de “Lá, nas campinas”, uma das jóias de *Tutaméia*, de Guimarães Rosa. Na realidade, o mundo não se repete, e quando parece que sim, não é mais que um descuido da nossa atenção. O tempo, o mundo, a vida fazem futuro, e, como diz ainda outro conto de *Tutaméia* (“Se eu seria personagem”): “O futuro são respostas”.

Estamos encerrando uma semana de reflexões e debates sobre “Cultura e Filosofia na tradição ocidental”. Apesar da vastidão da proposta, o tema não intimidou os conferencistas e diretores de seminários. Em primeiro lugar, porque a temática foi abordada por uma plêiade de estudiosos, dentre os quais algumas estrelas de primeira grandeza, que teriam, sem dúvida, assento na “República de sábios” preconizada por Platão.

Entretanto, a mera distribuição da tarefa não explica, definitivamente, a audácia da proposta e a ousadia de desincumbir-se dela, na medida, maior ou menor, das forças dos conferencistas e diretores de seminários, que aceitaram partilhar entre si e com os participantes desta Semana o grave, porém agradável, ônus de filosofar em comum sobre cultura e filosofia, essas realidades que se juntaram no indestrinçável amálgama, ou no par verdadeiramente ímpar, de duas realidades cuja fusão, sem confusão, constituiu essa extraordinária unidade plural chamada tradição ocidental.

O exercício de dar razões, que praticamos aqui durante esta Semana, é o signo distintivo dessa tradição desde as suas origens. Esse modo de proceder que nos caracteriza consolidou-se ao longo de 26 séculos de história, porque a aventura do espírito humano, neste lado poente do nosso planeta, conseguiu unir a odisséia de Ulisses, que volta para a sua Ítaca — formosa ao entardecer —, com a peregrinação de Abraão em busca de uma terra prometida, que não será sua, mas dará aos seus filhos leite e mel. Dessa simbiose forjou-se uma civilização que recolhe o legado dos antepassados para entregá-

-lo, transformado, aos pósteros. No interior dessa civilização, o ideal da verdade eterna e a promessa do bem futuro tornaram-se os gonzos em torno dos quais a aventura humana desenha a sua espiral elíptica e ascendente. Para uma tradição progressiva como a nossa, o mundo não se repete, mesmo quando é imperceptível o avanço, pois o presente — esse futuro do passado — é resposta às antigas e sempre novas aporias que nos trazem de volta ao conhecido e nos movem em busca do ignoto, como única maneira de continuar indo sempre além de nós mesmos.

Muitas das antigas e novas questões aqui expostas e discutidas, sob diferentes luzes, ainda esperam respostas de um futuro que não virá pelo inexorável fluir do tempo, mas pelas imprevisíveis realizações da liberdade razoável. Por isso, ao encerrar esta II Semana Filosófica da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, podemos ter a convicção de que o trabalho aqui realizado não só recolhe a memória do nosso passado, mas, também, projeta nosso esforço na direção de um futuro que, por desconhecido que seja, está inscrito nas desafiadoras possibilidades a realizar em nosso presente.

No momento em que muitos vêem eclipsar-se em nossa cultura as possibilidades de superar os impasses que ela mesma criou, os que se dão ao mister eminentemente construtivo de filosofar preferem acreditar que os inevitáveis ocasos que o tempo, a vida e o mundo conhecem não são mais que ocasiões para novos levantes. Sempre houve, e parece fatal que haja, ouvidos dispostos a acolher os discursos de ocasião dos vaticinadores de tempos sombrios e dos profetas inconsequentes. Aos filósofos, porém, não é dado o direito ao pessimismo, mesmo quando uma forma da vida envelhece, nem ao servilismo, ainda que ao risco da própria vida. Como disse Eric Weil, se o filósofo devesse renunciar à filosofia para salvar a própria vida, esta vida não teria mais *sentido* para ele (*Filosofia Política*, p. 162). O lúcido exercício da razão, contudo, não impede que os filósofos sejam também, citando ainda uma vez Guimarães Rosa, “loucos, a ponto de quererem juntas a liberdade e a felicidade” (“O outro ou o outro”, *Tutaméia*).

A todos os participantes desta II Semana Filosófica da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, o nosso agradecimento. Agradecemos em especial aos conferencistas e diretores de seminários que acolheram o nosso convite. Aos patrocinadores, o nosso reconhecimento de que este evento não poderia ter sido realizado sem o seu generoso concurso. Referimo-nos particularmente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), na pessoa do seu Diretor Científico, Prof. Afrânio Carvalho Aguiar; às Edições Loyolá, na pessoa do seu Diretor, Pe. Gabriel Galache, S.J., e, particularmente ao Sr. Marcos Marcionilo e ao Sr. Jardelino Bernardi, que se empenharam generosamente para que os livros da Coleção Filosofia pudessem ser lançados no final deste evento; à Acaiaca Distribuidora de livros, na pessoa do Sr. José Henrique Guimarães; à Revista Síntese, particularmente ao seu Secretário, Sr. Jorge P. Abdalla e ao seu Gerente, Ir. Lauro Eidt, S.J., e também ao Grupo ASAMAR, na pessoa do Sr. Alberto Luiz Soares, pela generosa e anônima oferta das pastas aos participantes da Semana. Nosso agradecimento se estende também às comunidades do Filosofado e do Teologado Interprovinciais, na pessoa dos seus Superiores religiosos. Um agrade-ci-

mento muito especial ao Pe. Luiz Gonzaga Monnerat, S.J. e ao Ir. José Patrocínio Nogueira, S.J., respectivamente, Ministros do Teologado e do Filosofado, e aos estudantes jesuítas de filosofia que prestaram uma colaboração fundamental para a realização e o sucesso deste evento.

Muito obrigado a todos.

Endereço do autor:
Av. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 — Belo Horizonte — MG